

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

Malamor / Tainted Love: Realizadores Convidados: João Pedro Rodrigues e João Rui Guerra Da Mata
9 de Outubro de 2025

ALICE HAS DISCOVERED THE NAPALM BOMB / 1969

Um filme de Antoni Padrós

Realização e Argumento: Antoni Padrós / Direcção de Fotografia: Manuel Castro / Com Toni Martinez, Pilu Puigmarti, Enric Ramos, Jaume Royo.

Produtor: Antoni Padrós / Cópia digital, colorida / Duração: 25 minutos.

MAHJONG / 2013

Um filme de João Pedro Rodrigues e João Rui Guerra da Mata

Realização e Argumento: João Pedro Rodrigues e João Rui Guerra da Mata / Direcção de Fotografia: José Magro / Som: Adrian Santos / Montagem: Mariana Gaivão / Interpretação: João Rui Guerra da Mata, Anne Pham, João Pedro Rodrigues.

Produção: Curtas-Metragens CRL / Produtor: Dario Oliveira / Cópia em DCP, colorida, falada em português / Duração: 33 minutos.

AVENTURAS E DESVENTURAS DE JULIETA PIPI OU O PROCESSO INTRÍNSECO GLOBAL KAFKIANO DE UMA VEDETA NÃO ANALISADO POR FREUD / 1978

Um filme de Óscar Alves

Realização, Argumento, Montagem: Óscar Alves e o colectivo Cineground / Com: Bell Dominique, Fernando Silva, Domingos Oliveira, Guida Scarllaty, Dina, etc.

Produção: Cineground / Cópia digital, colorida / Duração: 44 minutos.

Com a presença de João Pedro Rodrigues e João Rui Guerra da Mata.

Mahjong foi o filme com que João Pedro Rodrigues e João Rui Guerra da Mata responderam à encomenda do Estaleiro de Vila de Conde, projecto que ao longo de dois anos dinamizou a produção perto de uma dezena de novos filmes, maioritariamente curtas e maioritariamente rodados na região daquela cidade. É o quarto “filme chinês” de João Pedro e João Rui, depois de **China, China, Alvorada Vermelha** e **A Última**

Vez que Vi Macau. Com a particularidade de, como **China, China**, não precisar de sair de Portugal para encontrar a China e os chineses. Não precisa sequer de ir para longe de Vila do Conde: fica-se pela Varziela, onde existe a que é descrita como a maior Chinatown em Portugal. O filme é sobre esse bairro, numa perspectiva sombriamente documental, percorrido em travellings de automóvel que revelam fachadas de restaurantes e supermercados. Mas é também, e seguindo alguma coisa do modelo de **A Última Vez que Vi Macau**, um pequeno ensaio em torno dos códigos do film noir, ancorado na voz off tradicionalmente estruturante do noir e em motivos narrativos que parecem naturais ao género - no caso uma mulher desaparecida, que não será a “dama de Xangai” mas pode bem ser a “dama da Varziela”. O exercício não é gratuito, e como nos casos precedentes, o emprego da codificação do “noir” surge como resposta - e também salvaguarda do seu mistério intrínseco - à codificação “fechada” da comunidade chinesa retratada. Do encontro entre ambas nasce a fantasia (ou apenas a ficção), alimentada pelo espaço assim criado entre o som e a imagem. Aquela sensualidade, ora mais física ora mais etérea, que reconhecemos como pormenor determinante nos filmes de João Pedro e João Rui. **Mahjong** talvez não esteja entre as suas expressões mais efusivas, mas a coerência, em termos de “visão do mundo”, é inatacável.

A abrir e a fechar a sessão, emoldurando o **Mahjong** de João Pedro e João Rui, dois exemplos peculiares de um “underground” ibérico nas décadas de 1960 e 1970. **Alice has Discovered the Napalm Bomb** é, consoante as filmografias que se consultem, ou o primeiro filme do catalão Antoni Padrós (n. 1937) ou um dos primeiros. Certo parece ser que foi feito num quadro escolar, como exercício para a escola de cinema de Barcelona frequentada por Padrós (hoje mais conhecido como artista plástico), e onde foi aluno de Pere Portabella, um dos principais nomes do muito dinâmico “underground” (o “andergraun”) da Catalunha naquelas décadas. O filme de Padrós, uma vaga evocação da Alice de Carroll num cemitério de Terrassa (mas incluindo bastantes momentos filmados em interiores domésticos), para além de toda a sua intrínseca “queerness” (no sentido lato da expressão), é bem um produto de uma exposição às vanguardas da época (da nova-iorquina à europeia), no cinema, na música e na política. A alusão à bomba de napalme é obviamente uma referência à guerra do Vietname, e o filme, que tem muita música na banda sonora, não deixa de ecoar uma das suas apropriações da figura de Alice na música popular daquela época - falamos, embora o filme não o inclua, desse pequeno monumento do rock psicadélico que é o *White Rabbit* dos Jefferson Airplane. Por outro lado, a pantomima política, anti-guerra, anti-imperialismo americano, parece descender daquela sequência do **Pierrot le Fou** de Godard, também ela completamente em pantomima, em que Jean-Paul Belmondo e Anna Karina “recriavam” a guerra do Vietname. Tudo muito “de época”, portanto, translucidamente conservado.

O mesmo se pode dizer, mas com mais força ainda, das **Aventuras e Desventuras de Julieta Pipi**, filme que é produto de um genuíno – talvez o mais genuíno – “underground” português naquela época, e que conserva um retrato (enviesado, “oblíquo”, certamente) do país e da cidade daqueles anos (muito pouco tempo depois do 25 de Abril) mas ao mesmo tempo se “conserva” a si próprio e se faz “documento” de um muito particular “underground” lisboeta. As cenas nos bares, a presença de figuras míticas da noite lisboeta que em breve cruzariam (se não cruzavam já na altura) a fronteira da cultura “mainstream” (toda a gente, mesmo as crianças que nunca tinham posto um pé no Bairro Alto nem de dia nem de noite, sabia quem eram Bell Dominique

ou Guida Scarllaty), tudo isso estampa o meio e uma subcultura “queer” cuja euforia e liberdade eram, provavelmente, uma consequência directa da revolução de 1974. O filme é delirante, na sua paródia amadora (Oscar Alves, o realizador, tornou-se depois profissional, chegou a trabalhar na RTP), na sua voracidade “travesti”, e mais uma vez num sentido lato, porque é um filme que se “veste” numa cultura (o estrelato internacional, de Hollywood às grandes vedetas europeias) que não é a sua, nem podia ser, mas de que ele se apropria entre a irrisão e a homenagem. É, de certa forma, muito warholiano como gesto, e também está cheio de *superstars*.

Luís Miguel Oliveira